

## CINCO LIÇÕES PAULO FREIRIANAS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO E A SITUAÇÃO JUVENIL NA PANDEMIA

TARCÍSIO AUGUSTO ALVES DA SILVA

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil

LUANA RAYZA DA SILVA SANTOS

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil

---

**RESUMO:** A pandemia da covid-19 produziu impactos diversos sobre o ambiente educacional. Neste sentido, entendendo que boa parte do público de escolas públicas compreende estudantes jovens, buscamos identificar quais foram os impactos da pandemia da covid-19 sobre eles. O percurso metodológico compreendeu uma pesquisa bibliográfica, realizada por meio da revisão sistemática da literatura, nas bases de revistas brasileiras avaliadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A reflexão produzida, à luz do pensamento freiriano, possibilita-nos reforçar a necessidade de manter um olhar atento sobre esta realidade, assim como exigir que políticas públicas possam ser instituídas de modo a atenuar os impactos futuros do atual contexto na vida desses jovens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire. Educação. Juventudes. Pandemia.

---

### INTRODUÇÃO

O que o pensamento humanista de Paulo Freire pode nos dizer sobre a educação em tempos de pandemia? Mais que isso, como esse pensamento pode orientar a prática docente para uma abordagem educativa menos conteudista e mais amorosa, de modo a atenuar os males produzidos pelos efeitos sociais da covid-19, com o fechamento das escolas e a retomada com as aulas remotas?

Essas questões são a base para uma reflexão que desejamos apresentar ao pesquisarmos os impactos da pandemia sobre as juventudes, considerando que a vivência desses jovens é recortada por muitas especificidades, além do fato de a pandemia ter se revelado como especialmente danosa sobre as formas de sociabilidades juvenis.

Compreendemos também, que foi na educação, pensando aqui nas particularidades do chão da escola, onde os efeitos do distanciamento social mais reverberaram sobre a condição juvenil. O distanciamento físico entre os jovens e professores produziu sobre os estudantes certos traumas e dispersões quando os conteúdos acabaram sendo ministrados na precariedade da virtualidade do ensino. Com isso, “A pandemia mostrou o peso da importância da socialização e da escola” (LUZ *et al.* 2020, p. 189) na formação das juventudes.

Neste contexto, surgiram literaturas científicas e pesquisas que se debruçaram sobre o problema no sentido de analisar e compreender o fenômeno educativo em

tempos de pandemia. De imediato, o que se sabe é que os jovens foram atingidos por um *loop temporal*<sup>1</sup> onde as desigualdades sociais se expressam não apenas de forma repetida, mas também amplificadas, afetando sonhos e projetos de autonomia para vida adulta dos estudantes.

A esse respeito, cabe a nós questionarmos qual o papel da escola diante deste cenário à medida que tanto ela pode ter atenuado muitas situações, quanto potencializado muitos problemas para os estudantes ao desconsiderar as situações concretas de existência de muitos jovens e suas famílias. É analisando essas possibilidades que nos propomos a refletir como o pensamento freiriano pode nos auxiliar a pensar a situação juvenil na escola em tempo de pandemia. O objetivo deste texto, portanto, é apresentar cinco ensinamentos de Paulo Freire em duas de suas obras: *Pedagogia do oprimido* (1968) e *Pedagogia da autonomia* (1996), como possibilidade de atenuação ou superação dos dilemas vividos pelos jovens neste contexto.

Para isso, procuramos realizar um diálogo entre uma pesquisa bibliográfica, nas bases de revistas brasileiras, de modo a identificar artigos que expressassem os impactos da pandemia da covid-19 sobre os jovens brasileiros, delimitada entre março de 2020 a junho de 2021, e refletir a partir dos resultados encontrados com algumas ideias de Paulo Freire. A investigação utilizou como recorte periódicos avaliados nos estratos A1 a B3 do Novo Qualis/CAPES, fazendo uso dos seguintes descritores de busca: juventude, jovem, pandemia, Covid-19, desigualdade. Como resultado desse processo, foram visitados mil, duzentos e dezoito periódicos, onde se destacaram maiores correspondências de textos no estrato Qualis A1, totalizando 10 artigos associados aos interesses do estudo.

No presente texto, apresentamos parte dos resultados dessa investigação, destacando aspectos do estudo sobre a vivência do ensino remoto e as lições que as obras de Freire podem nos fornecer. Com o objetivo de orientar o entendimento sobre o tema juventude, finalizamos este tópico apontando as concepções de condição e situação juvenil assumidas neste trabalho, por serem estas categorias fundamentais à sociologia da juventude.

Em todas as sociedades ocidentais encontramos representações sobre a experiência do ser jovem e, embora elas apontem para diferentes perspectivas em relação aos sujeitos que compõem este grupo etário, o fato é que elas definem aquilo que se espera deles, como os jovens devem ser formados e, de certo modo, os padrões comportamentais que os definem. Assim, a condição juvenil expressa uma imagem construída socialmente por cada cultura, carregada de elementos caracterizadores dessa fase etária e de condicionantes sociais estabelecidos para ela. Para Luz *et al.* (2020, p. 186): "A condição juvenil corresponde ao modo como a sociedade posiciona os jovens em determinadas estruturas sociais".

Enquanto a condição juvenil vislumbra uma posição genérica do jovem na sociedade, a ideia de situação juvenil nos permite compreender como estas expectativas são vivenciadas nas práticas, à medida que certas especificidades dão os contornos e formas à juventude, portanto, as multiplicidades de experiências que nos permitem pluralizar este substantivo. Por isso, "*A situação ou situações juvenis* refere-se ao modo

SILVA, T. A. A. da. SANTOS, L. R. da S.

como essa condição é vivida pelos jovens concretos a partir dos recortes de gênero, classe, etnia, por exemplo” (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016, p. 282, grifo nosso).

Com a pandemia do novo coronavírus, as desigualdades sociais foram amplificadas e colocaram cada vez mais em evidência a necessidade de entender as particularidades e descortinar os horizontes da homogeneidade que tendem a invisibilizar emoções, fragilidades, vicissitudes, vulnerabilidade e possibilidades na vida das juventudes.

#### O QUE ACONTECEU/ACONTECE COM A JUVENTUDE BRASILEIRA NA PANDEMIA

Alarmando o mundo, a pandemia do coronavírus alterou diversas dimensões da vida em sociedade, obrigando a nos adaptarmos a uma nova lógica que contivesse o contágio do vírus. As escolas e universidades tiveram aulas suspensas, passando a utilizar o ensino remoto<sup>2</sup> como recurso para que o ano letivo pudesse ter continuidade e a formação dos estudantes não fosse comprometida. Entretanto, esta mudança abrupta, além de alterar a forma do ensino, deixou ainda mais claro, em países como o Brasil e mesmo em países desenvolvidos, as mazelas educacionais já existentes, reforçando a exclusão e as assimetrias presentes na educação ao escancarar as desigualdades digitais, que, associadas à renda, ao gênero e à raça, conduziram ao aumento da evasão escolar, sobretudo, de jovens da periferia (LUZ *et al.*, 2020)

Durante boa parte da pandemia foi criado um entendimento que os jovens eram os menos vulneráveis ao coronavírus, quando analisados os dados de internamento e morte. Porém, após um determinado período, e com a reabertura do comércio, o perfil dos infectados foi alterado (LUZ *et al.*, 2020), e os jovens passaram a compor o recorte do grupo suscetível a internação, embora isto não signifique que eles não tenham sido atingidos pelos efeitos do vírus de forma emocional e econômica, anteriormente. Além disso, o “isolamento social imposto como medida de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus veio potencializar essas vulnerabilidades” (CASTRO; PAIVA, 2021, p. 296), sobretudo, em se tratando da população LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, queers, pansexuais, agêneros, pessoas não binárias e intersexo).

Nos artigos analisados nesta investigação, alguns correspondem a ensaios dos autores sobre o tema, enquanto outros trazem resultados de pesquisa concluídas, ou em andamento até o momento da publicação. Ordenando os temas destes trabalhos, foi possível identificar que eles estão centrados em duas temáticas principais: educação e trabalho. Além destes, ainda aparecem: cultura e mobilidade. O tema trabalho cruza ao da educação à medida que revela a realidade de jovens trabalhadores e, por outro lado, o desemprego que arrasta estudantes das escolas para auxiliarem a composição da renda familiar. Neste quesito, a inserção no mundo do trabalho ocorre de forma precarizada para grande totalidade dos jovens pobres (LUZ *et al.*, 2020).

Ao pensarmos na educação, em meio a uma pandemia, é necessário destacar que os problemas vão além das dificuldades recorrentes ao acesso às plataformas digitais, ou da falta de recursos e materiais necessários às aulas. Além disso, os jovens sofrem com a insegurança em seus lares, problemas econômicos, decorrentes do desemprego, e psicológicos que tendem a impossibilitar a concentração e dedicação ao estudo. Este fato foi observado por Macedo (2021) ao afirmar:

Para além da questão do acesso à internet, da adequação dos equipamentos digitais e da facilidade de manejar essas tecnologias, a disponibilidade de tempo, saúde e interesse dos familiares para acompanhar tais atividades constitui elemento central para um bom aproveitamento, revelando-se muito desigual. A pandemia impactou as famílias da escola de muitas maneiras, gerando instabilidades econômicas, psicológicas, sociais e de saúde. Registraram-se, inclusive, famílias que perderam suas casas por não conseguir manter o aluguel ante o desemprego repentino de todos os membros da casa. [...] A manutenção do interesse dos estudantes em relação aos estudos, bem como a solidão e as saudades dos colegas, também surgiu como obstáculo para o andamento da educação formal durante a pandemia (MACEDO, 2021, p. 274).

Diante disso, é válido considerar que o acesso ao ensino remoto não é universal, pois o privilégio de jovens de classe média é uma realidade. Além de terem ambiente para estudar, eles possuem, desde muito cedo, os equipamentos necessários para as aulas on-line, como: computadores, tablets e celulares, e por isso não foram impactados do mesmo modo e nem de maneira tão intensa como os jovens pobres.

Os impactos da pandemia na educação podem ser avaliados sob diversos ângulos, econômicos, de aprendizagem, psicológicos e da ampliação das desigualdades. Sejam quais forem, o que se sabe é que eles tendem a influenciar o presente e o futuro da atual geração de jovens, especialmente aqueles atingidos por formas precárias de formação, como as que têm sido conduzidas via ensino remoto.

A perda do sentido de que a educação possa viabilizar novas possibilidades de vida e as dificuldades advindas do presente momento, como a necessidade de contribuir para a renda familiar, são problemáticas que colocam a evasão escolar na ordem do dia. Os dados do Exame Nacional do Ensino Médio, divulgado no ano de 2020, são um ensaio no qual figura o cenário futuro: o segundo dia de aplicação do exame obteve 55,3% de faltas, abstenção recorde, conforme o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Do total de 5.523.029 inscritos no exame, menos da metade, 2.470.396, compareceu aos locais de prova. O índice foi maior que no primeiro dia, quando 51,5% dos inscritos não realizou o exame. (TOKARNIA, 2021). Já Souza, Pereira e Ranke (2020, p. 1) analisam os impactos da pandemia e observam que: “A Covid-19 é um agravante à evasão escolar evidenciando a necessidade de ações de enfrentamento para combatê-la”.

Acreditamos que a pandemia contribuiu para evasão escolar pelo fato de a escola ter exacerbado o valor atribuído ao currículo e seus conteúdos, sem que tenha investido na formação dos professores e considerado as condições reais dos estudantes para acessar as aulas. Com isso, revela-se a desassistência emocional aos jovens, ausentando-se o “acolhimento e reconhecimento da instituição escolar como um espaço de desenvolvimento humano pela prática social” (PEREIRA DE SOUZA; PEREIRA; RANKE, 2021, p. 16).

Como observou Silva (2020, p. 1), analisando a primeira edição da pesquisa publicada pelo Conselho Nacional de Juventude, “ao que parece [...] um claro pedido de socorro por parte dos jovens”, pois o conjunto de emoções negativas tenderam a

superar as positivas na experiência da pandemia. Neste mesmo contexto, registra-se ainda que os jovens foram afetados pelo “aumento do trabalho doméstico e a necessidade de cuidados com outros membros da família” (CORROCHANO e LACZYNSKI, 2021, p. 12).

Por outro lado, Carvalho (2020, p. 10) questiona se não seria mais proveitoso se as estratégias escolares ao invés de “interrogar os alunos acerca de seus sentimentos em relação à experiência pessoal na pandemia” os convidassem a “examinar como aqueles que os precederam no mundo reconfiguraram simbolicamente suas experiências em uma situação análoga”. Já Assis (2021) analisa, como categorias discursivas, como “necessidade” (estratégias educativas remotas), “facilidade” (os jovens não têm problemas com as tecnologias) e “tranquilidade” (misturar questões de exceção com proposta político pedagógica) podem apontar para novas formas refinadas de exclusão.

O estudo realizado por Castioni, Melo e Nascimento (2021, p. 411), em universidades federais na pandemia, afirma que embora sejam relativamente poucos os estudantes de graduação sem acesso domiciliar à internet, a exclusão digital reflete e reforça desigualdades. Desse modo, as políticas públicas devem estar centradas naqueles que apresentem maior vulnerabilidade, entendendo que esse número cresceu de maneira exponencial com a pandemia, mesmo considerando que as informações analisadas pelos autores correspondem aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad-Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2018.

Em todo esse cenário, qual a cota de responsabilidade do Estado e da escola, na promoção de mais impactos negativos? Quando a escola deixa de considerar os aspectos mais humanos do processo pedagógico e se concentra apenas na execução de calendários, na exacerbação de conteúdo, quais são os impactos sobre a formação dos estudantes? Como promover a inclusão social para enfrentamento das desigualdades quando há uma decisão política, por parte do governo federal, de negar a pandemia?

Para responder a essas questões é preciso pensar, no caso brasileiro, que ideia de Estado é colocada em prática quando temos um governo fascista, conservador e de ultradireita no poder. Acreditamos que toda ordem de ataques aos direitos sociais e ao pensamento crítico nos permite refletir como uma educação humanista se coloca como ferramenta fundamental para o exercício da cidadania.

## PAULO FREIRE E O HUMANISMO

O humanismo em Paulo Freire está orientado pela ideia de que o ser humano é pleno de capacidades criativas e transformadoras da realidade em que se encontra inserido. Mesmo diante de contingências históricas que podem tragar e tolher sua liberdade, seu devir sempre será possível. Esse ponto de partida serve para fundamentar a pedagogia crítica e conceber o ato educativo como um protagonismo dos(as) educandos(as) em sua formação, considerados sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, mediados pelo mundo e pela convivência amorosa com os educadores(as).

Há, portanto, na concepção de educação freiriana uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer (FREIRE, 2002, p. 52). Nela, encontramos as influências recebidas de diversas correntes do humanismo (cristão, marxista, fenomenológico e existencialista) e, como bem observa Gadotti (2000, p. 04): “Em todos

os casos, não se pode dizer que Paulo Freire tenha sido eclético. Ele integra os elementos fundamentais destas doutrinas filosóficas sem repeti-las de uma forma mecânica ou preconceituosa”.

O legado de Paulo Freire à educação compreende, portanto, um vasto conjunto de publicações onde teoriza os alcances de uma perspectiva de educação crítica, ancorada na realidade social de quem ensina e aprende, e de quem aprende e ensina. Denunciando e opondo-se aos processos de desumanização, torna sua concepção pedagógica centrada na humanização, que tem no diálogo sua principal ferramenta.

Reconhecendo a formação de homens e mulheres como um processo permanente, portanto, inconcluso, toma a dialética como um ponto-chave para compreensão da dinâmica social. Com ela, entende que humanização e desumanização são processos históricos, mas que apenas a primeira se revela como vocação verdadeira dos homens e das mulheres (FREIRE, 1987).

Superando posições idealistas, produz um método de alfabetização em que palavras geradoras fazem emergir a realidade e permitem que a leitura de mundo antecipe a leitura das palavras. Mais que isso, elas assumem significados e materialidade para quem aprende, enquanto aproxima o educador do universo cultural do educando, valorizando-a quando se revela humanizadora e discutindo formas de superá-la sempre que se mostrar opressora.

Isso significa que o humanismo de Freire é um projeto educativo enraizado e não apenas uma proposição abstrata que se articula tão somente com o debate teórico, sem ressoar sobre a prática docente e na realidade do educando. Sua concepção de educação opera em oposição às situações de manipulação, autoritarismo e alienação, próprias da elite dominante. Busca transformação e não manutenção de realidades opressoras e para isso se utiliza da linguagem, do diálogo e do respeito à condição do outro como premissas a prática de uma educação revolucionária.

O humanismo em Freire coloca como condição do fazer pedagógico a “práxis” da solidariedade, daí estar fortemente inspirada, e inspirar, formas de educação popular voltadas às camadas mais pobres e destituídas do direito à educação. A solidariedade assim, invoca uma postura não apenas descontente e inconformista com as injustiças, mas questionadora das estruturas que produzem e retroalimentam várias faces da desigualdade.

Portanto, a solidariedade pensada em Freire não é afetiva/sentimental (FERNANDES, 2016) e não deve ser considerada como tal, mas sim política no sentido em que se projeta como prática de compromisso, respeito e superação da realidade daqueles e daquelas que se encontram sob o jugo da opressão. Para Freire (2002, p. 23): “A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância”.

Deste processo o pensador procura destacar a dimensão amorosa que deve fundar a prática educativa e a relação educador/educando. Porque, se a solidariedade orientada na perspectiva da educação crítica se expressa em compromisso e respeito, ela só pode ocorrer na forma dialógica e na forte crença de que a realidade pode ser transformada pela ação coletiva.

A dimensão amorosa na pedagogia freiriana se revela pelo compromisso com a causa dos oprimidos e se distancia da prática educativa do didatismo e tecnicismo, transformando-a pela compreensão ética-dialógica que principia a aprendizagem crítica na “consecução da educação como prática da liberdade” (BAUER, 2008, p. 71). Nas palavras de Freire (2002, p. 75):

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

A amorosidade como exercício de uma educação para liberdade corresponde, dessa forma, ao resgate e exercício do processo de humanização renegado pela educação bancária em que o educando é compreendido como depósito de conteúdos e tem fragilizada sua condição humana.

#### CINCO LIÇÕES DO PENSAMENTO FREIRIANO PARA PENSAR A SITUAÇÃO JUVENIL NA PANDEMIA

É, em um momento tão desesperançoso quanto o vivido pela educação na pandemia que voltamos nosso olhar a Paulo Freire, como uma forma de pensar suas lições em tempos tão turbulentos. Neste sentido, elencamos cinco lições que o patrono da educação brasileira nos legou, fundamentais ao enfrentamento dos problemas que afetam a educação em tempos de pandemia: 1. A dimensão amorosa da educação; 2. O ensino como atitude de respeito; 3. A educação como defesa de direitos; 4. A liberdade como componente educativo; 5. Ensinar exige risco, aceitação do novo.

A *primeira lição* a ser considerada diz respeito à dimensão amorosa da educação, resgatada nas ideias de Paulo Freire. Ela ocorre no diálogo com o mundo dos homens e das mulheres, no ato recriador de sua realidade, indagando situações de dominação e opressão. O ato de amor revela-se em sua plenitude pelo compromisso educativo com os seres humanos, e deve ser, com isso, vivenciada com coragem e nunca com medo.

Isto significa que a opção por uma educação popular tem por premissa a tarefa de modificar a situação de opressão em que se encontra imerso o educando, mas é, antes de tudo, uma tomada de consciência do educador sobre sua própria prática educativa. Se a educação como ato amoroso exige diálogo, é questionadora, portanto, há o entendimento de que a pronúncia do mundo não estaria restrita a alguns, mas seria tarefa de todos.

Na educação circular, aberta e popular em que o diálogo se torna uma das formas mais expressivas de amor, conduz a um fazer problematizador, inquietante e autoreflexivo. Reconhece que as estruturas de dominação e opressão não são entidades externas à própria prática educativa, mas, que nela se revelam enquanto extensão e parte destas estruturas. Daí, o desafio primeiro está situado na capacidade do educador de tomar consciência de que o ato de amor representa romper com a atitude sedutora de poder encontrada nas formas de educação bancária.

Essas, por sua vez, não fazem distinção se a sala de aula é presencial, on-line, remota ou EAD, pois quando a ação manipuladora se reveste do aparato tecnológico, ela amplia o autoritarismo do saber e coloca o “educador como sujeito do processo [e] os educandos, meros objetos” (FREIRE, 1987, p. 59). Ao que parece, não são apenas os problemas materiais de acesso à educação que tomaram amplitude com a pandemia, as concepções de educação tradicional e bancária se valeram da precariedade das aulas remotas e reforçaram a ideia conteudista, programática e distantes do próprio cenário que se descortinava sobre os estudantes. Acrescenta-se a isso, toda a dificuldade que boa parte dos professores encontrou para adaptar-se às demandas tecnológicas sem formação ofertada pelas redes de ensino. As primeiras pesquisas de opinião, realizadas com os jovens, sobre o tema apontavam justamente para esta problemática (CONJUVE, 2020).

Por outro lado, a educação como ato de amor significa, ao mesmo tempo, indignar-se com esta condição e operar sobre ela em conjunto com os educandos, respeitando suas limitações e valorizando suas potencialidades. Neste processo, a focalizar a dimensão programática do conteúdo pode ser o menos eficiente se ela não for construída em parceria, com criatividade e respeito.

Isto nos convida a apreciar *segunda lição* a ser observada para educação na pandemia, ou seja, entender o ensino como atitude de respeito, que compreende o respeito aos saberes e a autonomia do ser dos educandos. A primeira se conduz na relação entre os saberes dos estudantes e os conteúdos ensinados, um esforço de retroalimentação contínua. A segunda corresponde a um “imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2002, p. 66).

Deste modo, compreendendo o ensinar como uma ação distinta de transmitir conhecimento, essa lição reflete sobre respeitar os saberes dos educandos e levá-los em consideração em sala aula. No entanto, como lidar com isso quando os jovens participam das aulas com o microfone desligado e câmera fechada? Como pensar no educar de maneira mais abrangente quando a comunicação é restrita e, muitas vezes, a aula é uma atividade disponibilizada em uma plataforma?

O ensino remoto com a pandemia pôde se revelar uma estratégia conteudista, impondo à maioria dos jovens uma forma de educação precária e incapaz de responder às demandas contemporâneas. Sobre isso, afirma Freire (1987, p. 53) que o “diálogo começa na busca do conteúdo programático”, sendo esta uma dentre as muitas possibilidades de superação/atenuação dos problemas registrados com o ensino remoto emergencial.

A atitude de respeito se expressa, portanto, em não desconsiderar as dificuldades, o momento vivido, as aprendizagens da experiência, as subjetividades afetadas pelos impactos emocionais, econômicos e pela indefinição quanto ao futuro. Neste contexto, é imprescindível não desesperançar, uma vez que é na esperança que residem os ingredientes criativos para transpor parte destes problemas.

A *terceira lição* - A educação como defesa de direitos - está explicitada na ideia que “ensinar exige [...] luta em defesa aos direitos de educadores e educandos” (FREIRE, 2002, p. 39). Mais do nunca, no decurso da pandemia, o ensino caracterizado como emergencial revelou o descaso com os direitos de estudantes e professores. Os



primeiros por não encontrarem no Estado e no governo federal alternativas para o enfrentamento da situação. Ao contrário, o Ministério da Educação não apresentou políticas, programas e projetos que atenuassem os impactos da pandemia sobre a educação, que pudessem oferecer melhores condições para que os jovens vivenciassem este período difícil.

Na prática, houve a distribuição pelos entes federativos de equipamentos eletrônicos, chips e também a oferta de plataformas. No entanto, isso não significou a aplicação de uma logística que implicasse na formação de pais, jovens e tampouco dos educadores. Sobre estes últimos, um processo histórico de desvalorização e, mais recentemente, os ataques aos seus direitos trabalhistas (Reforma da Previdência, Administrativa, piso salarial) e a dimensão política do trabalho educativo (Escola Sem Partido) tem sido alvo de diversas iniciativas legislativas. Assim, o ensinar é um ato deliberadamente político porque exige a defesa da dignidade de quem ensina e aprende simultaneamente.

*A quarta lição* — A liberdade como componente educativo. Esta ideia está presente em toda obra de Freire, mas enfatizada na *Pedagogia do Oprimido* (1974). Ao defender que educação é uma prática da liberdade, significa que em um cenário pandêmico devemos nos ocupar, mas do que nunca, em auxiliar os jovens a superarem suas frustrações e apontar possibilidades de trabalho e vida digna para os mais pobres. Essa postura implica em encarar o desemprego, o risco de ficar sem um lar e a fome como aspectos a serem denunciados de um projeto de desumanização que transcende a própria lógica da vida.

Portanto, como aprender e dedicar-se à educação em um cenário de intensificação de problemas econômicos e políticos? Paulo Freire nos ensina a observar a realidade social dos educandos e, se a pandemia produziu um cenário de mais desigualdade, esse é o ambiente que a educação deve atuar vislumbrando a transformação social.

Por outro lado, tal contexto pode ser, muitas vezes, mais favorável à constituição de estruturas de dependência, sobretudo daquelas de caráter subjetivo em que o paternalismo e o populismo se manifestam. Como lembra Freire (1987, p. 53):

A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência.

Como prática educativa, a educação libertadora ocorrerá sempre associada ao diálogo à medida que envolve também assumir como característica a negação do homem abstrato e deslocado do mundo, assim como posicionar-se pela superação da realidade na qual muitos jovens estão inseridos (desemprego, falta de perspectivas, violência, exclusão do horizonte digital).

*Quinta lição*: Ensinar exige risco, aceitação do novo. Para Freire (2002) isso implica numa disposição, abertura e atenção às transformações que se processam no mundo. Longe de modismo, ensinar e apreender compreendem lugares de trocas e acolhimento às diferenças, porque ensinar exige posicionar-se contra formas de discriminação.

Ao mesmo tempo, essa passagem do livro *Pedagogia da autonomia* (1996) nos parece uma das lições mais apropriadas à reflexão da educação em tempo de pandemia pelo fato de que a tecnologia estava presente em nosso cotidiano, mas muitas vezes distante, sobretudo, na educação pública. O contexto do isolamento social e fechamento de escolas produziu uma demanda urgente de construção de estratégias pedagógicas que pudessem se valer das tecnologias da comunicação e informação para alcançar os estudantes.

O que importa capturar dessa experiência não é apenas a ausência de políticas para formação de professores e professoras, mas a resistência na utilização destas tecnologias na sala de aula. Ausência que se revela na falta de manutenção e de atualização de equipamentos para formação de professores, e do seu uso no cotidiano das escolas.

Por outro lado, a resistência reside no próprio distanciamento da formação pedagógica ofertada pelas escolas aos seus educadores, mas também das dificuldades advindas das desigualdades educacionais, expressas na assimetria de acesso digital da população. Noutra ponta do problema, como bem lembrou Ladislau Dawbor (2021, online), está situado na ideia de que: “Se conhecimento crítico é condição de acesso à cidadania, como diria Paulo Freire, quebra de patentes é primeira batalha para o Comum e a emancipação”. Dessa forma, a defesa da educação pública, situada na era da revolução digital, deve passar pela radicalização de acesso ao conhecimento de forma aberta e compartilhada.

No entanto, se a aceitação ao novo compreende um processo amplo de abertura a utilização de tecnologias, essa não deve ser entendida de forma amadora ou circunstanciada por uma demanda própria da urgência social em torno do ensino remoto. Que as experiências da pandemia possam conduzir a programas de formação docentes e investimentos mais estruturados, não apenas em equipamentos no âmbito das escolas, mas na exclusão da desigualdade digital mais ampla da população, sobretudo das juventudes.

Ao longo da pandemia a maioria dos professores e professoras foram pressionados a aprender a utilizar os recursos das tecnologias da comunicação e informação, tendo que lidar com o medo, risco e aceitação do novo. Isso representou um movimento de crítica à aplicação destes recursos no contexto de precariedade do ensino remoto, mas, ao mesmo tempo, significou a abertura da maioria dos professores e professoras a aprender, revelando, desse modo, que: “Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos” (FREIRE, 2002, p. 20).

Mas, se por um lado há todo um conjunto de estudantes antenados no mundo digital, sobretudo aquele relacionado às redes sociais, o fosso que separa estes daqueles que são excluídos cotidianamente de seus benefícios deve implicar em ações que não dependam apenas da boa vontade dos educadores e educadoras, mas de políticas públicas permanentes voltadas à inclusão desta enorme fração de marginalizados pela falta de acesso à internet, aos equipamentos e ao acompanhamento educacional.

Este nos parecer um desafio anterior à própria pandemia. Nela, apenas o cenário de desigualdade, às vezes naturalizado e normalizado, se agudizou dando visibilidade àquilo que estava submerso na agenda pública.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática educativa, pensada como uma forma artesanal, deve ser entendida não por uma perspectiva de algo feito sem muita sofisticação, rústico. Ela se aproxima daquilo que Wright Mills (2009) cunhou como artesanato intelectual que consiste em um processo cuidadoso no qual o pesquisador possui domínio de “todo” o processo de produção do conhecimento. Aqui a dimensão artesanal é resgatada como um processo cuidadoso que remete ao “educar como ato de amor”.

Por isso, o resgate do pensamento de Paulo Freire nos é tão caro à vivência da educação em tempos de pandemia, pois, se muitos foram os processos de desumanização na qual a população mais pobre se viu mergulhada, apenas uma educação de conteúdo humanista conseguiria apontar caminhos, denunciar e, ao mesmo tempo, propor estratégias de superação desta realidade.

Elencamos cinco lições, mas poderíamos ter muitas outras, as quais o patrono da educação brasileira nos deixou ensinamentos. Por isso, desde a dimensão amorosa (Primeira lição) ao risco e aceitação do novo (Quinta lição), nos deparamos com os muitos desafios da educação na pandemia. Ao mesmo tempo, essas lições apontam caminhos e inspiram atitudes que favorecem a defesa de um processo educativo mais humano e centrado no cuidado e na ação em torno da luta por direitos.

Com a vivência da pandemia, faz-se importante, mais do que nunca, observar as lições de Paulo Freire no que se refere à educação e considerar as situações impostas aos educadores e jovens, não só por conta das desigualdades presentes no país, mas também por denunciar como foram negligenciadas algumas áreas em um cenário de emergência social. Sobre isto, é necessário evidenciar como novas crises, advindas deste negligenciamento, afetarão a educação, pois fica cada vez mais claro como a ampliação das desigualdades, com as barreiras educacionais impostas aos jovens periféricos, além dos impactos psicológicos, agravarão, quaisquer perspectivas de bem-estar social futuro.

Somado a isto, o comportamento de boa parte dos estudantes no ambiente de ensino remoto denuncia a falácia por trás da ideia de ensino inovador e tecnológico vendido por empresas do setor, mostrando a importância do espaço escolar, das práticas pedagógicas críticas na sala de aula presencial que trazem como consequência direta: a maior possibilidade de socialização, o acesso a ambientes adequados para o estudo e a permanente interação entre professores e estudantes.

Artigo recebido em: 30/12/2021  
Aprovado para publicação em: 08/03/2022

---

## NOTAS

1 - Refere-se, geralmente, a enredos cinematográficos em que períodos de tempo que se repetem várias vezes.

2 - Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, nº 473, de 12 de maio de 2020 e nº 544, de 16 de junho de 2020.

---

## FIVE PAULO FREIRIANA'S LESSONS FOR THINKING ABOUT EDUCATION AND THE YOUTH SITUATION IN THE PANDEMIC

**ABSTRACT:** The covid-19 pandemic has had a multitude of forms of impact at the educational environment. Considering that the majority of the public schools' population is comprised of young students, we sought to identify how the covid-19 pandemic impacted differently on them. The research methodology focused upon a gathering of bibliographic data, carried out through a systematic review of the literature in the bases of brazilian journals evaluated by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). The investigation produced in the light of Freire's theory allows us to strengthen the need for a closer look at this reality, as well as for demanding mitigating public policies that would reduce the future impacts of the current context.

**KEYWORDS:** Paulo Freire. Education. Youth. Pandemic.

---

## CINCO LECCIONES PAULO FREIRIANAS PARA PENSAR SOBRE LA EDUCACIÓN Y LA SITUACIÓN DE LA JUVENTUD EN LA PANDEMIA

**RESUMEN:** La pandemia de covid-19 produjo diferentes impactos en el entorno educativo. En este sentido, a sabiendas que la mayoría del público de escuelas públicas son estudiantes jóvenes, buscamos identificar como se expresaron los impactos de la pandemia de covid-19 en ellos. El recorrido metodológico se realizó a través de una investigación bibliográfica realizadas partir de la revisión sistemática de la literatura, en bases de datos de revistas brasileñas evaluadas por la "Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)". La reflexión producida, a la luz del pensamiento freiriano, posibilita reafirmar la necesidad de mantener una mirada atenta sobre la realidad, así como exigir que se puedan construir políticas públicas con el objetivo de atenuar los impactos futuros del actual contexto.

**PALABRAS CLAVE:** Paulo Freire. Educación. Juventudes. Pandemia

---

SILVA, T. A. A. da. SANTOS, L. R. da S.

---

## REFERÊNCIAS

ASSIS, A. E. S. Q. Educação e pandemia: outras ou refinadas formas de exclusão. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, 2021.

BAUER, C. **Introdução crítica ao humanismo dialógico de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Sundermann, 2008. v.1. 128p.

CARVALHO, J. S. F. Um Sentido para a Experiência Escolar em Tempos de Pandemia **Educação & Realidade** [on-line]. 2021, v. 45, n. 4. Disponível em: <<https://bitly.com/UBvVT>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

CASTIONI, R.; MELO, A. A. S. de; NASCIMENTO, P. M.; RAMOS, Daniela Lima. Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio - Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [on-line]. 2021, v. 29, n. 111. Disponível em: <<https://bitly.com/4fxH9>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CASTRO, T. S.; PAIVA, A. C. S. São João em tempos de Covid-19: os impactos da pandemia do novo coronavírus nas experiências de participantes de quadrilhas juninas no interior cearense. **Horizontes antropológicos**, 2021, v. 27, n. 59. Disponível em: <<https://bitly.com/b3eCr>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CORROCHANO, M. C.; LACZYNSKI, P. Coletivos juvenis nas periferias: trabalho e engajamento em tempos de crise. **Linhas Críticas (UDESC)**, 2021. Disponível em: <<https://bitly.com/kw6sl>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude –. **Pesquisa Juventude e a Pandemia do Coronavírus**. Junho/2020. Disponível em: <<https://www.juventudeseapandemia.com/>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

DOWBOR, L. O horizonte digital da Pedagogia do Oprimido. **Revista Jacobin Brasil**. Disponível em: <<https://bit.ly/3Cvq25d>>. Acesso em: 29 out. 2021.

FERNANDES, S. Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 37, p. 481-496, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e terra, São Paulo, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e terra, São Paulo, 17º ed., 1987.

GADOTTI, M. Cruzando fronteiras: teoria, método e experiências freireanas. *In*: Colóquio das Ciências da Educação: Educar, Promover, Emancipar. Os contributos de Paulo Freire e Rui Grácio para uma pedagogia emancipatória, 1., 2000, Lisboa. **Anais eletrônicos**

[...]. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, 2000.  
Disponível em: <<https://bit.ly/3g6Ztds>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

LUZ, L. C. X.; FEFFERMANN, M.; ABRAMOVAY, M.; WEISHEIMER, N.; FERREIRA, M. D. M.; CAVALCANTE, F. V.; SILVA, A. P. da; LOPES, I. C. Os jovens brasileiros em tempos de covid-19. **Princípios** (São Paulo), v. 1, p. 177-207, 2020, Disponível em: <<https://bitly.com/139QZ>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 262-280, 2021.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

PEREIRA DE SOUZA, C. M.; PEREIRA, J. M.; RANKE, M. DA C. DE J. Reflexos da Pandemia na evasão/abandono escolar: a democratização do acesso e permanência. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 5, p. e10844, 4 dez. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3z1x6Ff>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SILVA, T. A. A. da. **Juventudes, educação e pandemia**. Diário de Pernambuco. Recife, 27 de agosto de 2020. Opinião. Disponível em: <<https://bit.ly/3iC1XRu>>. Acesso em: 26 set. 2020.

SOUZA, C. M. P.; PEREIRA, J. M.; RANKE, M. C. de J. Reflexos da Pandemia na evasão/abandono escolar: democratização do acesso e permanência. **Revista Brasileira de Educação do Campo 2020**. Disponível em: <<https://bitly.com/BD5y6>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TRANCOSO, A. E. R.; OLIVEIRA, A. A. S. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 2, p. 278-294, dez. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3kbQfh9>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

TOKARNIA, M. Segundo dia de Enem tem abstenção de 55,3%. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/>>. Acesso: 13 ago. 2021.

---

TARCÍSIO AUGUSTO ALVES DA SILVA: Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2001), mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). Atualmente é professor associado II da Universidade Federal Rural de Pernambuco, lotado no Departamento de Ciências Sociais.

SILVA, T. A. A. da. SANTOS, L. R. da S.

Tem experiência na área de Sociologia atuando, principalmente, nos seguintes temas: juventudes, educação, meio ambiente, conflitos socioambientais, educação ambiental, sindicalismo rural e desenvolvimento territorial rural.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2956-3512>

E-mail: [tarcisiodeescada@gmail.com](mailto:tarcisiodeescada@gmail.com)

---

LUANA RAYZA DA SILVA SANTOS: Graduanda pelo curso de bacharelado em ciências sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente é voluntária no Programa de Iniciação Científica (PIC / UFRPE) e monitora de bolso na disciplina de Introdução à Ciência Política da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Sou membro de dois Grupos de Pesquisa: Ecopolítica, Pós-capitalismo e Direito à Cidade (UFRPE) e Cidades Litorâneas e Turismo (Cilitur / UFPE).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4077-5113>

E-mail: [luanarayzasilva@gmail.com](mailto:luanarayzasilva@gmail.com)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).